

Álvaro de Campos

## TRAMWAY

### TRAMWAY

Aqui vou eu num carro eléctrico, mais umas trinta ou quarenta pessoas,  
Cheio (só) das minhas ideias imortais, (creio que boas).

Amanhã elas, postas em verso, serão  
Por toda a Europa, por todo o mundo (quem sabe?!)  
Triunfo meta, início, clarão  
Que talvez não acabe.

E quem sobe? Que sente? O que vai a meu lado  
Só sente em mim que sou o que, estrangeiro,  
Tem o lugar da ponta, e do extremo, apanhado  
Por quem entra primeiro.

Que o que vale são as ideias que tenho, enfim,  
O resto, o que aqui está sentado, sou eu,  
Vestido, visual, regular, sempre em mim,  
Sob o azul do céu.

Ah, Destino dos deuses, dai-me ao menos o siso  
Ao que em mim pensa a vida de ter um profundo  
Senso essencial, mas certo e conciso  
Da vida e do mundo!

Sei, sob o céu que é que toca as minhas ideias,  
Sob o céu mais análogo ao que penso comigo  
Que este carro vai com os bancos cheios  
Para onde eu sigo.

E o ponto de absurdo de tudo isto qual é?

Onde é que está aqui o erro que sinto?  
A minha razão enternecida aqui perde pé  
E pensando minto,

Mas a que verdade minto, que ponte,  
Há entre o que é falso aqui e o que é certo?  
Se o que sinto e penso, não sei sequer como o conte,  
Se o que está a descoberto

Agora no meu meditar é uma treva e um abismo  
Que hei-de fazer da minha consciência dividida?  
Oh, carro absurdo e irreal, onde está quanto cismo?  
De que lado é que é a vida?

8-10-1919

Álvaro de Campos — Livro de Versos . Fernando Pessoa. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993: 238.

Fernando Pessoa?